



Princípios Éticos do uso da Ayahuasca (*)

*Domingos Bernardo Gialluisi da Silva Sá (**)*

Bom dia. Vinte anos depois, voltamos a nos reunir e eu confesso a vocês a minha emoção, muito grande, do fundo do coração. Porque é um encontro, não é só a sala cheia, mas sim um encontro. Um encontro de almas, um encontro de intenções, um encontro onde estamos discutindo ética. É algo que lembra os gregos. Eles falavam de um espírito chamado *daimon*. Este era uma espécie de anjo interior, uma espécie de inspiração. Este espírito foi execrado no curso de uma sociedade consumista, materialista; o *daimon* começou a ser sufocado. Hoje estou me sentindo mobilizado pelo *daimon*, por esse anjo protetor. Independente de nossa religião, independente de fazermos parte da seita A, B, ou C, independente do nosso partido político, todos temos o nosso *daimon*, o nosso espírito protetor.

Depois de ver esse encontro com crianças [um grupo de crianças tocou o cantou o hino do Estado do Acre um pouco antes na abertura do Seminário], esse encontro com vocês, esse encontro com o Acre da *florestania* – esse termo cunhado pelo Acre – vamos falar de ética, tema importante aqui. A ética começa no encontro com o outro. Fora do outro não há ética. Esta é uma palavra que perdeu um pouco de sua força de expressão, pois aparece todos os dias nos jornais. Falam em “Comissão de Ética”, em “ética no trabalho”, “ética nos esportes”, “ética na imprensa”. Enfim, quem nunca ouviu falar de ética? Ética é algo que frequenta o nosso noticiário diário. Multiplica-se em associações nos diversos setores da atividade humana, do agir humano. Assim, aparentemente, como ouvimos falar em ética todos os dias, todos deveríamos saber o que é isso. Eu teria pouco a falar sobre esse assunto, levando em conta sua constância. Mas: o que é ética?

Isso me faz lembrar quando eu dava aula. Quando se tratava de definir ou conceituar uma instituição política, procurava um aluno na primeira fila que tivesse aliança e perguntava a ele se era casado. Ele respondia que era e eu perguntava se amava sua mulher. Imediatamente e sem vacilar ele respondia que sim. Respostas rápidas, perguntas objetivas. Aí fazia outra pergunta: “— você sabe me dizer o que é



amar a sua mulher?”. Esta pergunta era sempre mais complicada, porque verbalizar o afeto, o sentimento, é muito difícil. Da mesma maneira, nós sabemos o que é ética, mas é muito difícil tentar definir este conceito.

Lembro-me de um livro muito interessante, do Fritjof Capra, *O Tao da Física*. Neste livro, o autor cita a sabedoria oriental, mais especificamente um sábio que faz uma comparação entre o mapa e o território. O mapa, por melhor que seja, por mais detalhes que contenha, por mais perfeito que seja do ponto de vista gráfico, jamais será o território. Nada substitui pisar a terra que está graficamente representada no mapa. Assim são os conceitos, as definições. Por melhores que sejam, jamais corresponderão a todo o conteúdo do que procuram definir ou conceituar. Com essas observações, estou prevenindo que esta é uma matéria que comporta inúmeras acepções, pode ser entendida de inúmeras formas. Nem por isso se deixa de perceber a importância de se definir princípios éticos para o uso da ayahuasca.

A ética é de fato importante no agir humano. Ela quer responder a perguntas como: “o que é agir humanamente?”, “o que é agir eticamente?”. Não vou me deter em detalhes de erudição, primeiro porque não os tenho; segundo, porque não acho importante discorrer a respeito da ética ser uma Ciência ou parte da Filosofia. Essa é uma discussão bonita, mas podemos gastar tempo com ela em outra oportunidade. Hoje, quando a ética está em todos os meios de comunicação, quando pretendemos discutir ética em relação à ayahuasca, é melhor pensar antes de onde vem essa palavra e que significado ela traz.

“Ética” e “moral” são dois termos extremamente importantes. No final da minha apresentação, vou voltar a falar sobre isto. A palavra “ética” vem do grego *ethos*. Este termo era grafado de diferentes formas, mas tinha e tem um conteúdo existencial precioso, importante, que é “morada”. *Ethos* significava também “costume”, mas, numa determinada dimensão, numa forma particular de grafar, significava “morada” – o que é importante. Mas não morada com teto, paredes e piso. Morada como lugar escolhido pela pessoa para estar, para se relacionar. Morada em que se busca a relação harmônica com o vizinho, com o outro e no outro, portanto, a ética. *Ethos* e ética têm, assim, o sentido importante da morada, do encontro, da troca, do afeto. E a ética vai buscar princípios, formulações teóricas, referentes à vida concreta, à realidade vivida chamada moral. A palavra “moral” no latim tem um correlato com *ethos*, no grego, vem de *moris*,



“costumes”, práticas concretas, modo de agir, hábitos: isso é moral. A ética, portanto, significa formular um conjunto de princípios a partir do fato moral, da existência moral, da conduta moral do homem, da pessoa humana em sociedade, nas suas relações sociais.

Há um autor que trás uma reflexão que acho importante para o trabalho que nós estamos fazendo hoje, chama-se Adolfo Sanches Vasquez. Ele é um professor mexicano, e diz o seguinte: “como qualquer teoria, a Ética é explicação daquilo que foi ou é, e não uma simples descrição. Não cabe formular juízos de valor sobre a prática moral de outras sociedades ou de outras épocas em nome de uma moral absoluta e universal. Mas deve-se antes explicar a razão de ser dessa pluralidade e das mudanças de moral, isto é, deve-se esclarecer o fato de os homens terem recorrido a práticas morais diferentes e até opostas”. Há muitas morais no curso da humanidade. Há muitas práticas, há muitas condutas, e essas práticas e condutas podem mudar. A conduta escravista foi moralmente aceita em determinada época. Existiram práticas do direito romano que eram terríveis em relação aos filhos: o pai tinha direito até de matar o filho. Felizmente, as morais se modificam, as condutas morais sofrem evoluções e mudanças. A moral, portanto, é essa parte da vida concreta, de hábitos e valores estabelecidos que informam o conjunto de princípios que a ética vai buscar.

Vamos agora então refletir juntos sobre a ética e o uso da ayahuasca. Cerca de vinte anos atrás foram identificados uma série de princípios e valores relacionados ao uso da ayahuasca. Estes princípios e valores podem até ser elencados em documentos, mas isto não importa. O que quero dizer é que eles existem. Datam de 1986. Em 1985, a utilização da bebida foi proibida e, em 1986, por resolução do Conselho Federal de Entorpecentes, houve uma proposta de um Grupo de Trabalho, do qual então participava, para que houvesse uma suspensão provisória dessa proibição, até que o relatório final desse Grupo de Trabalho ficasse pronto.

Foram feitas uma série de experiências, exames e investigações. Investigação no sentido de perseguir, de buscar. Foram organizadas visitas às comunidades usuárias, procurando descobrir a humanidade que integra cada uma dessas comunidades. Pessoalmente tenho meu testemunho, esta experiência me ensinou muito sobre como é importante perceber a chamada “metanóia”, a mudança na maneira de ver a realidade. Esta é uma mudança que não acontece por decreto, não acontece racionalmente,



acontece quando você sente na carne, na experiência vital, na conduta moral, vivenciando-a no mundo real.

Na primeira reunião do Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN), em 1985, um dos temas da pauta era a discussão sobre o *mariri*. Não era chamado de ayahuasca nem de daime, na época se dizia *mariri*. E perguntei, se não me engano, ao Karniol [Isac Germano Karniol, médico farmacologista e psiquiatra], ou ao Sérgio Seibel [Sérgio Dario Seibel, psiquiatra], que eram integrantes do Conselho, o que era aquilo? Um deles respondeu: “ – é uma bebida que determinados grupos tomam, é um negócio que prova vômito, diarreia, é um negócio ‘brabo’”. Quis saber qual era o sentido de discutir a respeito de uma bebida que provocava vômitos e diarreias... Perguntei qual era a proibição ligada a esta bebida e me responderam: “— é a proibição do uso pelo componente DMT [dimetiltriptamina]”.

Hoje temos uma coisa muito importante, vou fazer um parênteses a respeito: trata-se do INCB [International Narcotics Control Board], que é a câmara de controle dos narcóticos, câmara internacional da ONU [Organização das Nações Unidas]. Há muito pouco tempo este órgão editou uma resolução dizendo que a utilização das espécies nativas do cipó e da folha não fazem parte do controle, não são objetos da proibição da ONU. Isso foi trazido para nós pelo professor Carlini [Elisaldo Carlini, diretor do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID], que integra a nossa Comissão, a nossa Câmara de Assessoramento Técnico-Científico [CACT], e isso é algo muito importante. Fecho o parênteses.

Naquela época não tinha nada disso. Havia apenas uma substância e o Karniol tinha me dito que esta substância tinha um princípio ativo semelhante a outros alucinógenos. Usando meu raciocínio jurídico, numa forma pouco aberta ou reducionista de ver as coisas, disse que se isso era igual a outros alucinógenos como o ácido (LSD) que eram proibidos, também deveria ser proibido e estava resolvida a questão. Quando o presidente da época me deu a palavra eu disse isso, e criou-se uma situação confusa, complexa. E aí, o que aconteceu? Acabei presidente do Grupo de Trabalho para poder estudar o que estava criticando.

Mas, graças a Deus, tive iluminação e decidi ir ao encontro do “outro”; decidi ir ao encontro das comunidades. Fui primeiro na UDV [Centro Espírita Beneficente União do Vegetal – CEBUDV]. Vale lembrar que eles tiveram uma iniciativa comunitária e



cidadã de pedir por escrito que a proibição da ayahuasca fosse revista, levando em conta múltiplos aspectos. Pediram que fosse revista a partir de uma ótica multidisciplinar e não de uma forma reducionista como a minha, jurídica, ou a partir de uma perspectiva exclusivamente psiquiátrica, que também é reducionista. Geralmente estas duas formas reducionistas de olhar se combinam para examinar o “problema” chamado genericamente de “uso de drogas”. Temos um casamento do discurso médico-psiquiátrico com o discurso jurídico-penal que gera uma visão bitolada, uma visão muito simplista. Com a graça do espírito, nós fomos ao encontro do outro. Tivemos uma conduta ética. Fomos a um núcleo da UDV, fomos aos diversos lugares onde se fazia o uso da ayahuasca. São “céus”, normalmente: Céu do Mar, Céu da Montanha, céu “da cidade”, céu “do bairro”. Pude ir a diversos “céus”.

Foi nesta época que conheci a União do Vegetal, e também todos os demais praticantes das religiões ayahuasqueiras. A primeira coisa que o presidente fez em face do requerimento da UDV foi nomear dois membros do CONFEN. Antes mesmo de compor o grupo, nomeamos imediatamente dois membros do CONFEN. Esses dois membros foram o Dr. Isac Karniol, que está aqui presente hoje [é um dos especialistas que vão compor o GMT], e o Dr. Sérgio Seibel, que não está aqui. O trabalho deles foi de importância definitiva. Foi tão importante que hoje vou citar um trecho que é de absoluta atualidade. Eles foram a três comunidades aqui em Rio Branco que utilizavam a bebida. Uma foi da UDV, a outra foi do Alto Santo, e a terceira foi Colônia Cinco Mil.

Claro que existem os percalços do consumo, como os vômitos e as diarreias. Coisas terríveis, desalentadoras, e desanimadoras do uso hedonista. Porque, misturar álcool, por exemplo, com ayahuasca, é um convite ao vômito e à diarreia. Quer dizer, levar para um barzinho, não sei nem se alguém já levou alguma vez ayahuasca para tomar com “caipiroska”....

Risadas da platéia

Não conheço.

O que disseram Karniol e Seibel: “padrões morais e éticos de comportamento em tudo semelhantes aos existentes e recomendados em nossa sociedade, por vezes até de um modo bastante rígido, são observados nas diversas seitas. Obediência à Lei



pareceu sempre ser ressaltada”. Isso foi o depoimento de dois médicos psiquiatras. Foi um depoimento espontâneo, sincero. Me lembro que Karniol, nessa primeira sessão do CONFEN dizia: “mas, Bernardo, por favor, espera, vi que as pessoas são de bem...”, tentando me convencer de algo que eu não havia experienciado, ainda.

“Os princípios e valores retificados pela ética como resultado das pesquisas do uso experimental, de exames, de investigações, de busca de explicações ao longo do tempo, resultaram em...”, isso é fundamental. Depois eu mesmo fiz essa experiência, participei das celebrações. Já relatei isso duas vezes. Pude, portanto, passar pelas experiências que o Karniol tinha vivido. E essas experiências resultaram em decisões governamentais – porque essa é a questão. A ética percebe o fato moral, a conduta moral, formula princípios. Esses princípios gestam atitudes, procedimentos pelos poderes constituídos pelos órgãos competentes. E houve então essa primeira suspensão da proibição do uso da ayahuasca e depois houve o relatório final, que caminhou no mesmo sentido.

Isto gerou uma assimilação dessa conduta pelos outros seguimentos sociais. Hoje nós estamos discutindo as dificuldades de representação para a indicação dos representantes ayahuasqueiros frente ao GMT do CONAD. Estamos discutindo como é que podemos progredir. Estamos discutindo como é que podemos avançar. Mas pensem principalmente no que foi já caminhado, no que foi já vencido, no que foi já assimilado pela sociedade. Foi assimilada uma nova moral, em que a marginalidade foi afastada, o respeito foi instaurado.

Vou citar alguns exemplos de como a alteração desses padrões morais modificou a história humana, modificou a maneira as coisas. Um bom exemplo é a conduta de Francisco de Assis. Na sua época, ele era considerado louco, porque se vestia de saco de alinhagem para ir consolar os enfermos, repartia com os leprosos a comida, beijava leprosos, bem-dizia a vida, bem-dizia o fogo, bem-dizia a natureza. Se São Francisco de Assis que foi considerado louco, hoje é uma grande inspiração na sociedade, independente do credo religioso. O que na época de São Francisco era visto como loucura, hoje é moral.

Outro exemplo é Bernadette Soubirous ou Mãe Menininha do Gantois. Seu terreiro foi fechado no início do século. Naquela época, era uma dificuldade manter aberta a prática do Candomblé. Para vocês terem uma idéia, para que nós todos



avaliemos a importância do que foi avançado, até pouquíssimo tempo atrás, o artigo da Constituição que o General Uchoa [Paulo Roberto Yog de Miranda Uchoa, Secretário Nacional Antidrogas] citou há pouco era interpretado por um catedrático de Direito da então Universidade do Estado da Guanabara, hoje UERJ, da seguinte maneira: “o parágrafo 5º proclama livre a consciência, reduto inexplorável do ser...” – até aí, ótimo – , “... que garante aos crentes o exercício dos cultos religiosos...” – agora vejam: “... que não contrariem a ordem pública e os bons costumes...”. O que vale dizer, pasmem: “... veda o baixo espiritismo, a macumba, o candomblé, e outras práticas perturbadoras ou imorais”. Isso em mil novecentos e setenta e poucos. Mil novecentos e setenta e poucos! Como nós evoluímos! O Candomblé passou a ser símbolo do Brasil dos 500 anos. Algo que antes era considerado pelo direito como perigoso e pernicioso. O que muito recentemente era definido como perturbador ou imoral, em matéria de exercício de culto religioso, hoje é com toda justiça enaltecido nos festejos dos 500 anos do Brasil.

Portanto, nós temos porque nos orgulhar de uma caminhada que foi, apesar de tudo, uma caminhada grande e que precisa ser aperfeiçoada. E que não pode dispensar oportunidades ricas como esta, que não tem o direito de dispensar essas oportunidades. Sempre digo isto para mim mesmo em outras coisas da vida e peço que me permitam que eu diga a mesma coisa a vocês a respeito da institucionalização do uso ritual e religioso da ayahuasca: primeiro vamos ver o que nos une, para depois estudar o que nos distingue. O que nos separa? Acredito que não é este o termo correto, seria melhor dizer: o que nos distingue.

Nós temos que fazer uma conversão, do ponto de vista pessoal. Nós precisamos ter o espírito aberto hoje. Precisamos ter o espírito que eu não tive há vinte anos atrás na primeira sessão do CONFEN. Todos nós precisamos ter o espírito aberto para o exercício da cidadania, da obediência à Lei. E cidadania, entre outras acepções, é participação no poder. Precisamos estar preparados para todos os progressos. Não podemos nos fechar diante da evolução, diante dos reclames sociais, diante da sociedade que está se organizando. A ética vai pesquisar a conduta moral da sociedade que se organiza num determinado viés, numa determinada direção.

Não é fácil aceitar a mudança. Geralmente aceitamos só a nossa loucura, nunca a dos outros. É muito comum isso. É muito fácil aceitar o próprio desmando, a própria loucura. E como é difícil aceitar o outro, seu jeito, sua forma de agir, sua busca de



progresso! Precisamos estar preparados para o progresso que o outro propõe. Para o nosso próprio progresso e para o progresso do outro.

Hoje, nosso fortalecimento pessoal gerou um Seminário como esse, que é uma ousadia. As questões são múltiplas, envolvem desde de como lidar com a ayahuasca, passam pela definição do que é o uso “religioso” e do que é o uso “ritual”, e envolvem até a representatividade no Seminário, que é um problema que por sinal o Brasil tem também em relação aos senadores. O estado “y”, com tantos mil habitantes, tem uma representação igual a de São Paulo, por exemplo. Não estou entrando na questão de qual é a melhor maneira de representar politicamente cada estado no Senado. Mas esta é uma realidade, pois esses critérios definem a representatividade e a força de cada estado no Senado. Nós não vamos chegar a uma forma perfeita e acabada da representação, mas caminhamos para a representação. Representação de um interesse comum.

Quando vejo essas crianças tocarem, a banda tocar, a sala cheia, imagino a caminhada que fizemos. A representação tem que ser parida, surgida, gestada. Ou perdemos a fonte, ou perdemos a oportunidade. Uma questão que me parece muito importante é a questão da visão plural, da visão multidisciplinar. Como foi importante ter a presença dos antropólogos e dos sociólogos. Pessoas como o Edward [Edward McRae], a Bia [Beatriz Caiuby Labate], o Karniol na psiquiatria, o outro na psicologia, essa visão multidisciplinar. Porque a natureza é multidisciplinar, é multicolorida. Nós não podemos ter uma visão de uma só cor, de uma só vertente.

O *ethos* da ayahuasca, portanto, a ética da ayahuasca, teve o primeiro tijolo no parecer do Karniol. E foram acrescentados outros para a construção de um conjunto de princípios. Nós temos agora – não agora neste momento, durante esta exposição, mas a partir desses dados sobre os quais estou falando – a missão de formular alguma coisa que ajude. Por exemplo, a Paulina [Paulina Duarte, Diretora de Prevenção e Tratamento da Secretaria Nacional Antidrogas] me disse hoje que está sendo feita uma espécie de compilação de tudo que foi trabalhado sobre a prática religiosa da ayahuasca no Brasil. Desde do Técio [Técio Lins e Silva], da Ester [Ester Kosovski], até a última administração, que nem me lembro qual foi. Mas, enfim, vamos ter agora uma consolidação. Certamente, de aqui serão produzidos documentos, reflexões, princípios. De aqui será construída a ética, o *ethos* da ayahuasca.



Em 1987, o CONFEN já estava sob a presidência do Prof. Miguel Reale Júnior. Eu não estava mais na Secretaria e ele pediu que concluísse o trabalho. Então, em 1987, foi apresentado o relatório final do Grupo de Trabalho. Esse relatório propunha a exclusão definitiva da ayahuasca ou das espécies vegetais que a compõe das listas da DIMED (antiga Divisão de Medicamentos, do Ministério da Saúde], ou outro órgão controlador.

Passados alguns anos, em 1992, houve uma denúncia anônima. Esse denunciamento é muito pernicioso. A denúncia, a retenção, a investigação, é uma coisa. Agora, o denunciamento é terrível, e principalmente anônimo. Principalmente anônimo. A presidente Ester Kosovski foi obrigada a nomear outra vez um representante do CONFEN para fazer a pesquisa e fizemos então um outro relatório. Mais uma peça importante. Diria que concluímos em 1992 uma fase de legitimação. Não terminou a história da ayahuasca, mas foi uma fase importante na institucionalização da ayahuasca.

Vou passar a uma reflexão sobre duas representações do uso da ayahuasca no Brasil. Uma representação é a que vem do Mestre Gabriel, da União do Vegetal, e a outra representação vem do Mestre Irineu, para citar pelo menos duas linhas de expressão muito grande. A União do Vegetal ressalta – e isso é fundamental –, a conduta moral, como fato moral que interessa à ética na formulação dos princípios gerais. A UDV ressalta isso com a cuidadosa publicação *União do Vegetal: Fundamentos e Objetivos*. Sua doutrina diz o seguinte: “a difusão e preservação da doutrina não foram entregues a intelectuais ou doutores em teologia, mas ao homem simples do povo. No caso, a José Gabriel da Costa, o Mestre Gabriel, que cumpriu a elevada missão espiritual de recriação da União do Vegetal”.

Esta conduta de escolher para direção um homem do povo, a clareza do homem do povo, é muito coerente. É algo que se harmoniza com o que eles professam com rigor, que é a pluralidade religiosa. Acho que isso deve ser, antes de tudo, incentivado. Antes de tudo, pesquisado. Antes de tudo, promovido. A pluralidade religiosa e a observância às Leis do país. O que não impede que sejam exercidos soberanamente os direitos da cidadania, como falei há pouco. Inclusive, foi em nome desse exercício da cidadania que foi pleiteada no Brasil a liberação, a legitimação do uso ritual da ayahuasca. E, segundo informes muito recentes, a Suprema Corte Americana, também, se não me engano, por iniciativa da própria UDV, felizmente teve a lucidez de, por



unanimidade, reconhecer a legitimidade da prática religiosa ligada à ayahuasca. Não importa se aí tem DMT ou o que for, o que importa principalmente é a pessoa humana, a sua conduta, a ética da sua conduta. Não há princípio ativo mais forte do que a ética da pessoa.

Aplausos da platéia.

Eu saúdo, portanto, essa conduta moral. Dei este exemplo, mas também poderia dar outros. Poderia examinar o hinário do Padrinho Sebastião, por exemplo. Me lembro do Carlini lendo comigo trechos dos hinários, que me encantaram tanto quanto os princípios éticos da União do Vegetal. Eu louvo, portanto, essa pluralidade religiosa reivindicada por vocês. Continuem até as últimas conseqüências... A conseqüência última é nirvânica. Porque quando se chega ao outro de uma maneira absoluta, se tem a completude. A pluralidade antecede a completude. É preciso ser plural para ser uno depois. No livro de vocês, *Hoasca*, está dito: “nada a esconder”. Lá está escrito: “conduta moral que se traduz na prática de nada a esconder”. Aduzindo que “em todos os momentos em que o noticiar impreciso gerou indagações por parte das autoridades, mesmo ameaças de proibição do uso do chá, a União do Vegetal tomou a iniciativa de prestar esclarecimentos e abrir-se a investigações”.

A ética colhe nessas condutas o fundamento formador do conjunto de princípios que devem existir para todos, não obstante haja muitas morais. Elas são diferentes, mas não necessariamente divergentes em essência. Estas diferenças decorrem de como as pessoas se organizam na vida.

Esse foi um dos exemplos que quis trazer à nossa reflexão sobre condutas morais que geraram princípios éticos. Peguei depois um hinário do Mestre Irineu. Que coisa interessante... Como foram mobilizadoras, para mim, as visitas que fiz à UDV, ao Alto Santo, ao Mapiá. Não quis falar sem ter ido ver tudo. “Tudo” é modo de dizer, isto é, o que pude dentro da pequena possibilidade dos meus passos. Peguei o “Cruzeiro Universal”, que constitui igualmente objeto da investigação ética, objeto pleno de valores morais adotados em várias outras religiões e encarnados por figuras humanas. O que diz o Mestre Irineu é muito parecido com o que disse São Francisco. A visão



franciscana deste homem, desse soldado da borracha, dessa pessoa simples, como simples felizmente são os fundadores das diversas religiões ayahuasqueiras.

Antes falei sobre São Francisco. Há um relato muito interessante feito por um outro franciscano, Leonardo Boff. Ele diz o seguinte: “figuras humanas que revolucionaram a visão muitas vezes tacanha da religiosidade, como foi o caso de Francisco de Assis. A simplicidade é a fraternidade que abrangia toda a criação. O humilde Francisco tornou-se o Irmão Sol, das Estrelas, do Vento, das Nuvens, da Água, do Fogo e de tudo que vive”. Como diz Leonardo Boff, “Mestre Irineu em muitos dos hinos que recebeu, veste-se do espírito franciscano que é alteridade de amor ao outro e a todos os seres”. Como podemos ver através das palavras que Boff proferiu, mais do que ninguém, São Francisco de Assis se transformou num arquétipo dessa ética amorosa e cordial no Ocidente.

Vou citar apenas algumas estrofes do Mestre Irineu. Lembrem de Francisco falando do Irmão Sol, Irmã Lua, Irmã Terra, Irmã Árvore, Irmã Água. Em sua simplicidade, certamente o Mestre Irineu nunca deve ter lido algo sobre Francisco de Assis; disse ele: “Sol, Lua, Estrela/ A Terra, o Vento e o Mar/ É a Luz do Firmamento/ É só quem eu devo amar”. Francisco e Irineu.

Aplausos da platéia.

“O Sol veio a Terra para todos iluminar. Não tem bonito nem feio, ele ilumina a todos iguais”. “Com amor tudo é verdade. Com amor tudo é certeza. Eu vivo neste mundo, sou o dono da riqueza”. Cada estrofe comportaria e comporta fecunda meditação, proveitosas lições de uma visão religiosa planetária e ecumênica. Ecumênica, ecumenismo, totalizante.

Neste momento é importante dizer que a conduta moral referente às duas vertentes examinadas conduz a uma valiosa ética capaz de superar as diferenças, se estivermos voltados para um interesse comum. Pensando a religião como fonte de ética e nas diferenças religiosas, termino com estas palavras do Boff: “os pontos comuns entre elas permitem elaborar um consenso ético mínimo, capaz de manter a humanidade em unidade e preservar o capital ecológico indispensável para a vida. Elas representam a história, o *ethos* que ama, que cuida”.



Vou concluir agora. Lembrem que no início da nossa exposição falei do *ethos* como uma morada. Concluo convidando vocês todos a pensar em algo grandioso para o nosso estudo. Que podemos perder? Independente de sermos ou não cristãos, de acreditarmos ou não em Deus, de professarmos ou não uma religião, vamos colher no Evangelho de João 14, versículo 2, o seguinte: “Jesus dizia isso aos seus discípulos ‘na casa do meu Pai há muitas moradas’”. Há muitas éticas. Todas elas começam no encontro com o outro. Muito obrigado.

Aplausos da platéia.

Notas:

(*) Palestra proferida na abertura do “Seminário Ayahuasca”, promovido pelo Conselho Nacional Antidrogas (CONAD), na Secretaria de Estado de Educação, em Rio Branco (Acre), nos dias 08 e 09 de março de 2006. O seminário tinha como objetivo indicar seis representantes de grupos usuários da ayahuasca para compor um Grupo Multidisciplinar de Trabalho sobre a ayahuasca (GMT), ao lado de e seis representantes dos grupos religiosos da ayahuasca. (Em 4 de novembro de 2004, através da Resolução nº 5, o CONAD havia estabelecido a criação de um GMT para o levantamento e acompanhamento do uso da ayahuasca no Brasil).

A apresentação foi transcrita por Rafael Santos e editada por Isabel de Rose e Bia Labate.

(**) Jurista e conselheiro titular do Conselho Nacional Antidrogas.